

[ENTREVISTA] Lala Deheizelin**FONTE: ESTADO DE MINAS - CADERNO PRAZER EM AJUDAR**

Maurício Carneiro Andre Klotzel

A consultora especializada em economia criativa e empreendedora cultural Lala Deheizelin tem uma vida moldada pela inventividade. E, nos últimos anos, pelo ofício de fazer da cultura uma ferramenta de transformação. Diretora artística, em 1980, do musical Clara Crocodilo, de Arrigo Barnabé, e de dezenas de espetáculos de teatro e dança, Lala chegou a atuar como atriz em novelas (Vale Tudo, Ana Raio e Noivas de Copacabana) e apresentadora de programas culturais de TV. Depois de trabalhar em áreas ligadas à criação, comunicação e ao mundo corporativo, Lala dirige, desde 1996, sua produtora, a Entusiasmo Cultural, de São Paulo, prestando consultoria e realizando eventos corporativos, workshops e projetos voltados para a responsabilidade social e empreendedorismo. Hoje, divide o tempo como conselheira para a ONU na Unidade de Cooperação Especial Sul-Sul (SSCSU) e voluntária em várias ONGs, como Instituto Pensarte e Doutores da Alegria.

É também diretora de cultura e comunicação do Núcleo de Estudos de Futuro da PUC-SP, sede no Brasil do Projeto Millennium, da Universidade das Nações Unidas, e membro do conselho do Ipaz – Agência Internacional pela Paz, apoiada pela Unesco.

Em sua opinião, qual é o papel das empresas na sociedade e como devem atuar para o desenvolvimento social do país?

As empresas fazem o papel de mediação na sociedade. Elas trabalham com e para a sociedade. E a tendência é que essas funções fiquem cada vez mais acentuadas. É lógico que existem empresas predatórias, mas mesmo essas, que sabem só explorar, estão percebendo que no médio prazo elas não terão condição de sobrevivência se não trabalharem com e para a sociedade. E o universo dos negócios sempre foi o moderador, fazendo a mediação entre várias instâncias da sociedade. Muitas políticas de governo surgem a partir de propostas do setor empresarial. E sabemos que quanto mais forte o lobby, mais forte a mudança que um setor conseguirá impor. Então, se é a sociedade que articula com o mundo dos negócios, ela consegue também participar desse poder, criando um círculo virtuoso e não vicioso.

E o que é preciso para que esta parceria de fato aconteça?

A comunidade precisa estar ligada à empresa para conseguir, junto com ela e seu poder, mudar o entorno. Ela não pode enxergar a empresa como vilã, nem a empresa enxergar sua comunidade como vítima. É preciso mudar esse tipo de relação, e já vemos muitos exem-plos acontecendo. O Festivale é um deles: artistas, ONGs e a Avon agindo integradamente. Um aprendendo com o outro.

E com quais resultados?

O que a gente já vê é que as empresas que começaram a ter maior envolvimento com o terceiro setor não de forma assistencialista mas, de fato, comprometida, também começaram a mudar internamente e a fazer um novo aprendizado de gestão. Por outro lado, o terceiro setor também está aprendendo com a empresa. Essa história de governança é um conceito que surge no terceiro setor, que é você ter um corpo que dirige, com representantes de diversas áreas, enquanto vários elementos de gestão de empresas já estão presentes no terceiro setor, como trabalhar em rede, o conceito de horizontalidade e as novas dinâmicas de trabalho. Tudo isso está sendo aprendido nesse relacionamento.

De que forma a reputação de uma empresa está cada vez mais se tornando argumento de decisão na hora do consumo?

Como os produtos e serviços ficam cada vez mais semelhantes, produzir com qualidade é obrigação de mercado. Para sobreviver, uma empresa já não pode mais dizer que tem um produto que é bom e pronto. E dentro dessa perspectiva, toda relação com o que é de caráter cultural ou social é o que faz a diferença. A isso chamamos de valor agregado. Não o valor da coisa em si, mas o valor simbólico que ela vende.

Por que desenvolvimento humano tem a ver com criatividade?

Uma definição adotada pelo Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento (PNUD) diz que o desenvolvimento humano é o processo de ampliação de escolhas. Quanto mais possibilidades de escolhas, mais interessante é a nossa situação e às vezes a gente acha que não tem escolha, mas na verdade tem. É uma questão de vontade política e de organização da sociedade que permite que isso aconteça. Toda escolha origina uma decisão que, por sua vez, leva a uma ação. Então a gente precisa escolher para decidir como vai agir. Mas a escolha depende muito do ponto-de-vista, de nossa cultura e de como eu me vejo: como vítima ou co-autor.

Trabalhar a cultura é, então, o melhor caminho para provocar o desenvolvimento?

Cultura para mim é tudo aquilo que cria, e portanto pode transformar mentalidades e hábitos. Como pensamos e como fazemos. Ou seja: cada vez que achamos que o mundo não tem jeito, colaboramos para que a situação não tenha mesmo saída. E cada vez que a mudamos nossa maneira de ver e, portanto, de fazer, acabamos de fato criando condições para que essas coisas aconteçam. Se não mudarmos a maneira de ver e sentir, ou seja, nossa cultura, não teremos como fazer o resto das transformações.

E qual o sentido da criatividade num ambiente de mudança?

O que promove a mudança de estado das coisas é a criatividade. Tudo na natureza está em constante mudança de estado, nada é fixo. Quando a gente sabe que as coisas não apenas "são" mas elas também "estão", a gente pode fazer com que elas fiquem de outro jeito. Quando se olha ao redor, em geral todas as pessoas querem mais ou menos a mesma coisa: felicidade para si e para o

outro. Agora, se todo mundo quer uma coisa e se aquilo que a gente deseja e tenta tem a capacidade de influenciar o mundo concreto, por que a gente não muda de fato? Porque o grande xis da questão é como fazer isso. O que nos traz de novo para a cultura, pois cultura é o "como", é linguagem, método e expressão. É como a gente se relaciona, escolhe e constrói.

Qual a dimensão do impacto econômico da cultura no desenvolvimento de um país?

A cultura tem uma atuação transversal e entra em contato com todas as outras áreas, mas, em geral, isso não é percebido. Cultura é o bolo, não a cerejinha. Para se ter idéia do impacto que o setor cultural representa dentro da economia do país, basta imaginarmos como seria o mundo sem produto cultural. Sem a produção audiovisual e musical, por exemplo, não haveria rádio, TV, locadoras, nem indústria eletrônica, que deixaria de ter sentido. Na construção civil, por extensão, com os shoppings centers organizados em torno da área cultural, que gera freqüência, sem os cinemas, o que aconteceria com o pipoqueiro, estacionamento, praça de alimentação? Para dimensionarmos o impacto da área cultural, é preciso considerarmos todos os setores com quem ela tem interface para percebermos que, na verdade, é um setor muito importante, também do ponto de vista econômico.

O que vem antes: cultura ou desenvolvimento?

Tem uma frase do Saramago que diz que "a cultura é como a atmosfera, não a percebemos porque estamos imersos nela". Isso porque a cultura tem natureza matricial. E, em sendo a matriz, é claro que a cultura vem antes. É a partir dela que o desenvolvimento se constrói. A cultura é como o DNA de uma comunidade. Por isso, para promover processos de desenvolvimento é preciso levar em consideração tanto a cultura da comunidade onde se vai trabalhar quanto a cultura como instrumento e linguagem. Dentro deste grande ecossistema cultural, temos um campo mais específico, o do valor econômico, que abrigaria a economia criativa e, dentro dela a indústria criativa.

E o que seria, em linhas gerais, a economia criativa?

É um conceito novo que designa setores que tem na criatividade sua essência e cuja matéria-prima é intangível. Nós, no Brasil temos sido pioneiros em se referir à economia criativa para designar setores que buscam o desenvolvimento sustentável e humano e não o simples crescimento econômico. Ela engloba todo o mundo das artes, porém é mais ampla porque inclui, por exemplo, o artesanato, que não é uma indústria. A economia criativa é ampla, promove inclusão social, incorpora "saberes" e "fa-zeres" tradicionais e é o único setor da economia que tem interface com todos os objetivos do milênio.

Quais experiências com economia criativa no Brasil merecem destaque?

Nós temos coisas fascinantes para compartilhar com o resto do mundo e sou particularmente atraída por aquelas que se originam na interface entre o terceiro setor e os empreendedores criativos. O projeto Mãos de Minas é uma referência em artesanato. Mas eu incluiria também a moda baseada em identidade mineira do Ronaldo Fraga, o trabalho da Oficina de Agosto, em São Paulo, e até casos muito curiosos como o Festival da Loucura de Barbacena, que transforma problema em solução.

Matéria inserida/atualizada em 04/09/2006 por: